

5 - A SAÚDE DA MULHER E A CONTINUIDADE DA FAMÍLIA: CONCEPÇÃO E CONTRACEPÇÃO NO PAPIRO MÉDICO DE KAHUN⁸⁰

Liliane Cristina Coelho⁸¹

RESUMO

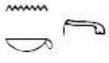
A preocupação constante com a saúde da mulher e com a continuidade da família fez com que os antigos egípcios criassem diversos métodos médicos que tinham a intenção de preservar a saúde feminina. Alguns destes procedimentos estão descritos em papiros, que datam dos diferentes períodos da história egípcia. Neste artigo abordaremos tais prescrições por meio da análise do *Papiro Médico de Kahun*.

INTRODUÇÃO

Os antigos egípcios sabiam que o início da vida estava diretamente relacionado à atividade sexual. Esta, no entanto, era algo que deveria se realizar apenas no âmbito privado. Atos sexuais não eram comumente representados na arte formal durante o Reino Médio, e mesmo na arte popular tais imagens surgiram apenas mais tarde, durante no Reino Novo. Aquele que parece ser um exemplo único é um hieróglifo presente em uma tumba da XI ou da XII Dinastia em Beni Hassan, na qual um homem e uma mulher estão engajados em uma atividade sexual em uma cama com pés em forma de patas de leão. O signo encontra-se atualmente apagado, mas foi copiado integralmente em meados do

⁸⁰ O artigo aqui apresentado é parte de minha dissertação, intitulada “Vida Pública e Vida Privada no Egito do Reino Médio (c. 2040-1640 a.C.)”. Kahun é o nome dado por William Matthew Flinders Petrie para uma cidade de pirâmide localizada na região do Fayum, ao sul do Cairo, e que foi construída por ordem do faraó Senusret II (c. 1897-1878 a.C.).

⁸¹ Mestre e doutoranda em História Antiga pela Universidade Federal Fluminense, sob orientação do professor doutor Ciro Flamarion Cardoso. Atualmente desenvolve a pesquisa “Mudanças e Permanências no Uso do Espaço: a cidade de Tell el-Amarna e a questão do urbanismo no Egito antigo”, com auxílio do CNPq. Professora do Curso de Especialização em História Antiga e Medieval das Faculdades Itecne – Curitiba – PR. E-mail: lilianemeryt@hotmail.com

século XIX (MANNICHE, 1990, p. 34), e o desenho de linha é apresentado em obras sobre a vida sexual no Egito antigo (MANNICHE, 1990, p. 35; ARAÚJO, 2000, p. 116). Na escrita hieroglífica, o ato sexual em si é referido pelo verbo *nek* (em egípcio, ) , uma palavra que tem como sinal determinativo o falo ereto com líquido sendo emitido por ele. Na literatura, a expressão mais comum para descrevê-lo é “passar um dia feliz”⁸².

Levando em consideração as fontes existentes, é difícil dizer, segundo Stephen Quirke (2005, p. 110), o que os habitantes de Lahun⁸³ pensavam sobre o sexo – se além de privado, por exemplo, consideravam o ato sexual sujo e negativo, como é o caso de algumas filosofias gregas e de movimentos religiosos ocidentais na contemporaneidade. Baseando-se em informações provenientes de escavações realizadas em outros assentamentos urbanos contemporâneos a Lahun como, por exemplo, Uah-Sut, situado no sul de Abydos, entendemos que tal afirmação pode ser estendida para todo o Egito durante o Reino Médio, pois nada foi revelado que nos explique o modo como os antigos egípcios em geral tratavam o ato sexual.

As fontes nos revelam, no entanto, que os egípcios desejavam ter muitos filhos, e por isso era importante preservar a saúde da mulher. A vontade de ter uma família grande não estava ligada simplesmente a razões emocionais, mas ao sistema social vigente, que colocava os filhos como suporte dos pais na velhice e como responsáveis pela manutenção de seu culto funerário. Cada nova concepção, no entanto, era motivo de preocupação para a mulher, pois o índice de mortalidade infantil e materna durante o

⁸² Ver, por exemplo, o conto do *Papiro Westcar* intitulado “O marido enganado”, no qual a mulher do sacerdote Ubaoner se apaixona por um homem da cidade e faz com que ele venha até sua casa. Quando o homem chega, ela pede ao encarregado para que prepare o pavilhão que está no jardim para que ela possa passar nele um dia feliz.

⁸³ Aqui me refiro ao assentamento urbano, cuja denominação mais comum na atualidade é Lahun. Doravante, sempre que me referir à cidade esta será a nomenclatura utilizada. Quando o que estiver em questão for o papiro médico, este será designado como *Papiro Médico de Kahun*, conforme o nome pelo qual é mais conhecido.

parto e nos dias posteriores a ele era grande. Impedir a concepção evitava não apenas essas preocupações, como também problemas posteriores, que poderiam ser de difícil solução e tratamento, como, por exemplo, um prolapso uterino.

Para garantir a saúde da mulher e a continuidade da família, os egípcios criaram diversas prescrições médicas, algumas das quais sobreviveram ao tempo e chegaram até nós. A maior fonte para nosso conhecimento sobre os conceitos e práticas da medicina no Egito antigo é um grupo formado por doze papiros médicos que estão distribuídos em museus ao redor do mundo (DAVID, 2008, p. 38). Estes são conhecidos atualmente como *Ebers*, *Edwin Smith*, *Hearst*, *Berlim n.º 3038* ou *Papiro Brugsch*, *Londres*, *Kahun*, *Carlsberg n.º VIII*, *Chester Beatty n.º VI*, *Leiden 1343 e 1345*, *Museu de Budapeste n.º 51.1961*, *Ramesseum n.º III*, *n.º IV e n.º V*, e *Berlim n.º 13602*. Há ainda quatro ostracas, conhecidas como *Cairo n.º 1091*, *Londres n.º 297*, *Louvre n.º 3255*, e *Berlim n.º P5570*, que contêm um número menor de prescrições (LECA, 1988, p. 21-37). Segundo Petrie (1974, p. 48) o papiro de Lahun faz parte de um grupo de cópias de trabalhos científicos, que foi localizado em uma das casas do assentamento urbano na segunda temporada de escavações no sítio. Consiste em um tratado médico em três páginas, contendo prescrições para o uso de médicos e parteiras, e mostra como eram as práticas médicas desenvolvidas na cidade. Passaremos agora a uma descrição do conteúdo do papiro, bem como à sua análise.

O PAPIRO MÉDICO DE KAHUN

O conteúdo das prescrições do *Papiro Médico de Kahun* é inteiramente relacionado à ginecologia, e por essa razão o documento é considerado o mais antigo tratado ginecológico descoberto até os nossos dias. Atualmente, é conservado no Museu Petrie de Arqueologia Egípcia e é identificado pelo número UC32057 (REEVES, 1992, p. 53). Além da primeira tradução dos textos, que foi levada a cabo por Francis Llewellyn Griffith em 1898 e que é acompanhada pelo fac-símile do documento e sua transcrição

hieroglífica (GRIFFITH, 1898, p. 5-11), para o desenvolvimento desta pesquisa consultamos outras duas traduções disponíveis em língua inglesa, executadas por John M. Stevens (1975), e mais recentemente por Stephen Quirke e Mark Collier (2004).

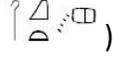
O papiro de Lahun nos informa, especialmente, sobre os tratamentos destinados a combater as doenças femininas. O mesmo acontece no *Papiro Ebers*, que tem uma seção intitulada “Início dos remédios que é conveniente preparar para as mulheres”. Em menor quantidade, essas fórmulas aparecem nos papiros de *Berlim*, de *Londres*, no *Carlsberg n.º VIII*, no *Edwin Smith* e no *Ramesseum n.º IV*. O número de receitas propostas e sua presença em grande parte dos papiros médicos prova a importância que se dava ao combate às doenças femininas, e a frequência com que elas deveriam acontecer (LECA, 1988, p. 317).

Passaremos agora a uma descrição dos conteúdos do *Papiro Médico de Kahun*, bem como a uma discussão sobre as possíveis doenças que poderiam ser tratadas pelas receitas indicadas no documento, e sobre os métodos contraceptivos nele descritos. Para que tal análise pudesse ser levada a cabo, foram considerados o contexto de produção dos documentos e sua transposição para a contemporaneidade. O texto do papiro, levando em consideração a metodologia de análise empregada, a pragmática, apresenta uma função diretiva, pois aconselha quanto às ações que deveriam ser efetuadas pelo indivíduo que iria utilizá-lo. Por último, analisaremos a importância desses textos para compreender a questão da sexualidade feminina no ambiente privado de uma “cidade de pirâmide” e também para a manutenção e continuidade da família.

O texto médico contido no papiro de Lahun está distribuído em três páginas. No verso da página 3 há uma conta curta datada do reinado de Amenemhat III (c. 1844-1797 a.C.), que pode corresponder à data de produção do texto, ou de sua cópia, conforme proposto por Petrie (GRIFFITH, 1898, p. 5). O texto consiste em 34 instruções e prescrições

ginecológicas, sem título ou introdução, das quais apenas uma corresponde a um encantamento (FILER, 1996, p. 38).

Nas primeiras duas páginas, que ocupam 59 linhas no manuscrito original, há dezessete prescrições, todas na forma: “Tratamento (?) para uma mulher (sofrimentos e sintomas); diz-se a respeito disto (diagnóstico); faz-se isto (prescrição)” (GRIFFITH, 1898, p. 5).

As substâncias prescritas nas receitas são cerveja, leite de vaca, óleo, tâmaras e outras frutas, ervas, incenso, e outras substâncias, como mel e fezes de animais. Geralmente as quantidades não são apresentadas, ficando a critério do médico. Quando são dadas, aparecem em relação a medidas e não a pesos. A mais freqüente é *henu* (em egípcio ) , que equivale a cerca de 454 mL e é usada para os líquidos. Há também uma medida para sólidos, *heqat* (em egípcio ) , que equivale a aproximadamente 74 cm³. Devido às medidas muito precisas e não inteiras, é possível que fossem utilizados recipientes apropriados para a medição das quantidades requeridas para as fórmulas.

Os sintomas que aparecem nas páginas I e II são os mais variados, como dor nos olhos e no pescoço, cheiros emitidos pela mulher, dores nas pernas e dores de dentes, mas o diagnóstico é geralmente ligado a doenças no útero. Por meio de uma análise mais apurada dos indícios, porém, é possível identificar os problemas apresentados pelas pacientes e compará-los àqueles que são comuns a mulheres de todas as épocas.

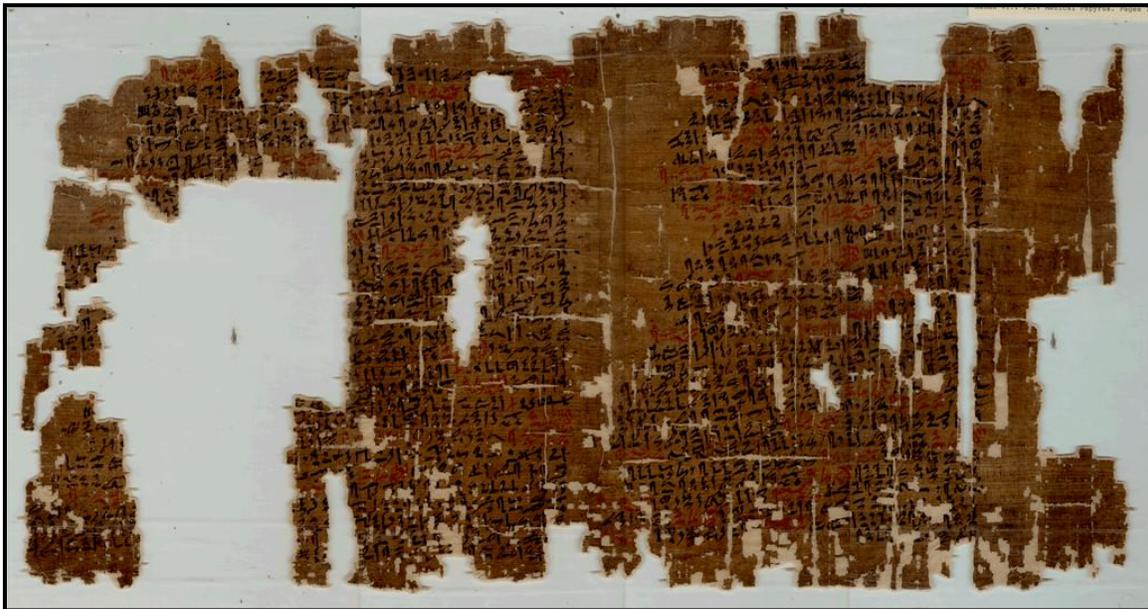


Figura 1: Páginas I e II do Papiro Médico de Kahun (UC32057). Referência: GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob*. London: Bernard Quaritch, 1898. pl. V.

Segundo o pesquisador em medicina egípcia Ange-Pierre Leca (1988, p. 317), um dos problemas femininos que pode ser identificado nos papiros é a amenorréia, ou a ausência de menstruação por um período prolongado. Outro, relacionado ao primeiro, é a dismenorréia, ou dores durante a menstruação, uma doença que pode ter como sintoma dores de estômago. É este também o diagnóstico apresentado para a paciente que tem dor nas panturrilhas, conforme indicado na prescrição n.º 12 do papiro de Lahun:

12. Tratamento para uma mulher que tem dor nas panturrilhas. Você deve aplicar para isso: tiras de linho fino embebidas em resina. [Se...] fácil quando ela fez isso, isso significa (que ela será) saudável. Se o produto [é imundo], isso significa [...] do útero. Você deve tratá-la com [...] medida de óleo fresco, despejar sobre sua [...]. Colocar resina sobre sua [...] depois de fazer isto (COLLIER & QUIRKE, 2004, p. 60).

O papiro *Edwin Smith*, que data de aproximadamente 1600 a.C., também traz uma prescrição para esse tipo de problema. No verso desse documento (colunas V 3,13 a V

4,3), há uma prescrição para problemas com a menstruação, ou uma fórmula para “desbloquear” o sangue, na qual são empregados óleo, cerveja doce e uma medida de planta *wAm* (ALLEN, 2005, p. 111). Não se trata, contudo, de uma fórmula abortiva, pois os sintomas apresentados pela mulher não correspondem aos da gravidez. O doutor Leca considera, assim, que não há menção nos textos sobre práticas abortivas, a não ser que consideremos como tal os tratamentos que foram assinalados para a dismenorréia, como este descrito anteriormente (LECA, 1988, p. 328).

Outra doença que poderia ser diagnosticada pelos médicos egípcios é o câncer. Quando esta enfermidade afeta o útero, seu reconhecimento pode ser feito pelas dores que a mulher sente e pelo odor característico de carne queimada. Quando afeta a vulva, pode ser diagnosticado por meio das dores e da ulceração que lhe é característica (LECA, 1988, p. 320). Na prescrição n.º 02 do papiro de Lahun temos então a descrição de um possível caso de câncer:

02. Tratamento para uma mulher que está doente porque seu útero está vagando⁸⁴. Você deve dizer sobre isso: ‘o que você está cheirando?’ Se ela lhe disser: ‘Eu cheiro queimado’, você deve dizer: ‘É um distúrbio (?) do útero’. Você deve tratá-la com fumigação sobre tudo nela que cheira como queimado (COLLIER & QUIRKE, 2004, p. 58).

O tratamento é feito com outro “cheiro de queimado” – a fumigação. O importante, contudo, é perceber que o médico considera o histórico da paciente e sua percepção sobre os próprios sintomas para dar o diagnóstico (DAVID, 1986, p. 127). A existência de casos de câncer maligno nos órgãos reprodutivos femininos no Egito antigo não foi comprovada, e é um assunto que se encontra atualmente em discussão. O egiptólogo J. R. Harris (1993, p. 149) propôs que não há casos de câncer confirmados para o Egito Faraônico, contudo ele não levou em consideração os diagnósticos existentes de

⁸⁴ Os egípcios acreditavam que o útero movia-se livremente pelo abdome, e por isso era necessário fazê-lo ocupar sua posição original para que a mulher pudesse conceber. (DAVID, 1986, p. 127.)

câncer nos ossos demonstrados por meio de raios-X e tomografias computadorizadas (VEIGA, 2008, p. 140).

Para confirmar a existência de tumores, sejam eles malignos ou benignos, podemos partir da análise da descrição da dissecação de uma múmia feita em 1821 pelo médico italiano radicado na Inglaterra Augustus Granville. Ao estudar a múmia de Irtyersenu, uma mulher que viveu no início do VI século a.C. e que morreu com aproximadamente 50 ou 55 anos de idade, o doutor Granville observou que esta apresentava um tipo de tecido patológico entre o ovário direito e as trompas, e que seu útero apresentava um tamanho maior que o normal (LECA, 1988, p. 322-323). Diagnosticou, assim, um caso de câncer de ovário, talvez o primeiro documentado na história.

O que está em discussão, no caso descrito, é se o tumor seria maligno ou benigno. Uma equipe de pesquisadores do Museu Britânico, chefiada pelo egiptólogo John Taylor, realiza estudos na múmia de Irtyersenu desde 1990. O patologista que faz parte do grupo de pesquisa, doutor Eddie Tapp, examinou seções do útero, do ovário e das trompas e concluiu que a mulher tinha mesmo um tumor, tal como apontado por Granville, mas que este era provavelmente benigno, e que não teria levado a mulher à morte. Outras análises nos restos da múmia mostraram que a *causa mortis* de Irtyersenu estava provavelmente relacionada a uma pneumonia, mas o diagnóstico de Granville não estava de todo incorreto (PAIN, 2008, p. 72-73). Percebe-se, assim, a importância dos estudos realizados em restos humanos para o levantamento das possíveis doenças existentes no Egito antigo, e que poderiam ser mencionadas nos papiros médicos.

O papiro de Lahun ainda fornece uma série de prescrições para dores que se presume terem origem no útero e que, pela falta de uma descrição detalhada, é impossível relacionar a uma afecção conhecida (LECA, 1988, p. 320). Este é o caso das prescrições n.º 03, 07, 08 e 09. Esta última é um episódio a parte: Griffith trata os

sintomas como sendo de um caso de reumatismo; já Stevens (1975, p. 950) sugere tratar-se de um estupro:

09. Tratamento para uma mulher que sofre de dores em sua vagina e em todos os seus membros: alguém deve tê-la maltratado. Você deve dizer sobre isso: 'Isto está relacionado ao seu útero'. Você deve prescrever para isso: óleo, para comer até que ela esteja melhor (STEVENS, 1975, p. 950).

Para sua afirmação, Stevens baseou-se no conto egípcio intitulado *Os dois irmãos*⁸⁵. Nesta história, Bata, o irmão mais novo, foi acusado pela cunhada de tê-la espancado e abusado sexualmente dela. Para fingir que apanhara, a mulher rasgou suas roupas e sujou-se com gordura, ao mesmo tempo em que bebia óleo para que ficasse enjoada. Stevens então relacionou o medicamento à passagem da história e argumentou que este pode ser o caso descrito nesta prescrição.

Outros sintomas, expostos nas prescrições n.º 01, 06 e 16, sugerem uma doença venérea, mas sem uma identificação precisa. Na prescrição n.º 01, segundo Leca (1988, p. 321), pode estar delineado um caso de irite gonocócica, pois os sintomas são dores nos olhos, a ponto da mulher não mais enxergar.

01. Tratamento para uma mulher cujos olhos estão doendo até o ponto de ela não enxergar, sobre a dor em seu pescoço. Você deve dizer sobre isso: 'São descargas do útero em seus olhos'. Você deve tratá-la com fumigação com incenso e óleo fresco, fumigando sua vagina com isto, e fumigando seus olhos com gordura de perna de ganso. Você deve fazê-la comer um fígado fresco de burro (COLLIER & QUIRKE, 2004, p. 58).

⁸⁵ *Os dois irmãos* é um conto fantástico que consta do *Papiro d'Orbiney*, e é datado do reinado de Siptah, na XIX Dinastia. Conta a história de dois irmãos, Anapu e Bata, sendo o mais velho, Anapu, casado. Em um dia em que os irmãos estavam trabalhando incessantemente no campo, as sementes terminaram. Anapu então pediu que Bata retornasse à casa para buscar o que faltava. Quando Bata chegou à casa, a mulher de Anapu insinuou-se para ele e este a repudiou. Ao final do dia de trabalho, quando voltou para casa, Anapu viu sua esposa em estado deplorável, e esta afirmou que fora Bata quem a tinha agredido sexualmente. Na continuação, Anapu persegue o irmão, que consegue fugir e provar a mentira da mulher, por meio de acontecimentos fantásticos.

A egiptóloga Rosalie David discorda de Leca, e diz que, assim como acontece com a prescrição n.º 09, pode tratar-se de um caso de espancamento (DAVID, 1986, p. 127). Segundo ela, não há casos confirmados de gonorréia no Egito antigo, e a irite poderia aparecer apenas isoladamente, durante a menstruação (DAVID, 1986, p. 128). A opinião do egiptólogo H. Györy, contudo, vem confirmar a hipótese de Leca. Segundo ele, o fígado de burro, ou de qualquer outro animal, teria efeitos positivos sobre a paciente devido à ingestão da vitamina A, que é indicada para casos de doenças nos olhos (GYÖRY, 2003, p. 276).

O mais importante até aqui, contudo, é perceber que todas as doenças descritas têm como origem o útero. Isto talvez esteja relacionado ao fato de serem problemas exclusivamente femininos, e de ser este um órgão presente apenas na mulher. Para os egípcios, o útero era a matriz, o local onde a vida era gerada, e por isso era muito importante mantê-lo saudável. Alguns problemas poderiam ocorrer, no entanto, devido ao fato de que ele ficava “vagando” pelo abdome feminino, e em determinados momentos poderia se posicionar em uma região que, segundo os egípcios, poderia interferir na saúde da mulher.

O primeiro passo para uma concepção e a posterior continuidade da família era a mulher permanecer saudável. Todas as prescrições presentes nas duas primeiras páginas do *Papiro Médico de Kahun* buscavam este fim. Mesmo nos casos em que as doenças não estão relacionadas diretamente ao útero, segundo sabemos pelos avanços da medicina, verifica-se uma preocupação constante com a saúde feminina. Somente estando a mulher saudável as fórmulas descritas na página III poderiam ser ministradas e o crescimento da família estaria garantido.

A terceira página do papiro traz dezessete prescrições diversas, entre as quais há instruções para verificar a fertilidade feminina e sua capacidade para conceber; para diagnosticar a gravidez; para assegurar a esterilidade; e para saber o sexo da criança. É

nesta página que ocorre o único encantamento do papiro (prescrição n.º 30), no qual o deus Hórus é invocado. Nela, há três seções, sendo que a primeira, ou a segunda do papiro, inclui as prescrições de n.º 18 a 25, que são passagens relacionadas à concepção e à contracepção e mostram que muitos aspectos do processo reprodutivo eram conhecidos e entendidos pelos egípcios (DAVID, 1986, p. 128).

Um diagnóstico que pode ser encontrado nessa seção é o de casos de retroversão uterina, ou seja, casos em que o útero está inclinado em direção contrária à da bexiga, conforme seria sua posição normal. A história clínica deste problema, no entanto, só pode ser realizada por meio do toque vaginal, mas este método não é encontrado nos documentos egípcios. Existem fórmulas, contudo, para “colocar o útero no lugar”. Tais receitas talvez sejam para o tratamento de um prolapso uterino, que ocorre quando o útero desce dentro da pélvis, e aparece pela vulva, um fato verificado em múmias egípcias (LECA, 1988, p. 322). Este deslocamento pode provocar esterilidade, e uma receita para solucionar esse problema aparece na prescrição n.º 20 do papiro de Lahun que, para o doutor Leca, é um encantamento (LECA, 1988, p. 319).

20. Relativo a tratamentos para causar a concepção: após a lavagem do que foi devolvido... terra fina, presa em um pano com matéria vegetal triturada, embebida com líquido-*awyt*... incenso, óleo fresco... tâmaras, cerveja doce, colocadas em uma cesta, sobre uma chama. Você deve fumigar... por muito tempo (STEVENS, 1975, p. 951).



Figura 68: Página III do Papiro Médico de Kahun (UC32057). Referência: GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.).

The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob. London: Bernard Quaritch, 1898. pl. VI.

Ao mesmo tempo em que as egípcias procuravam resolver problemas relacionados à esterilidade, no entanto, buscavam maneiras de se proteger contra uma possível concepção não esperada, ou que poderia ser fatal para a mulher. Para isso, foram criados métodos contraceptivos que envolviam substâncias que impediriam a chegada do espermatozóide até o óvulo, e a posterior concepção. As prescrições incompletas n.º 21 e 22 descrevem dois destes métodos:

21. Para prevenir a concepção: excrementos de crocodilo finamente dispersos em leite azedo, irrigar... (perdido).

22. Outra prescrição: 454 mL de mel injetados dentro de sua vagina, para ser feito com um pouco de natrão (STEVENS, 1975, p. 951).

O resultado destas soluções seria a diminuição da velocidade dos espermatozóides, em função da viscosidade das substâncias presentes na fórmula. Uma prescrição semelhante, presente no papiro *Ebers* (n.º 783), traz a goma de acácia em sua

formulação. A utilização desta substância é mais eficiente que aquelas citadas no papiro de Lahun, pois a fermentação da goma resulta em ácido láctico, que tem poder espermicida (BARDIS, 1967, p. 3). Tais receitas mostram que os egípcios tinham o desejo por sexo por outras razões que não a procriação, e por isso a mulher deveria se proteger de uma possível concepção (SZPAKOWSKA, 2008, p. 213).

A terceira seção do papiro ocupa as linhas 12 a 24 da página III e descreve testes para verificar a fertilidade feminina e sua capacidade para conceber; para diagnosticar a gravidez; e para determinar o sexo da criança (DAVID, 1986, p. 129). Os egípcios acreditavam que a responsabilidade pela fertilidade era do homem, pois era ele quem fornecia o espermatozoide. As mulheres, contudo, deveriam estar aptas a receber este líquido e conceber, pois eram elas que carregariam a criança no ventre (SZPAKOWSKA, 2008, p. 218). Algumas prescrições, como as de n.º 27 e 28, baseiam-se na ideia de que havia uma passagem livre para certas substâncias migrarem da vagina para o resto do corpo. Acreditava-se, por exemplo, que quando uma cebola era inserida no ventre de uma mulher seria possível sentir o odor característico desta planta bulbosa em sua boca no dia seguinte. Caso isto acontecesse, era sinal de que a mulher era fértil e poderia conceber. Caso contrário, ela nunca conceberia.

28. Outro método: você coloca um bulbo de cebola em seu ventre... Você deve declarar sobre ela: 'Ela conceberá'. Se você não encontrar... sua narina, você pode declarar sobre ela: 'Ela não conceberá jamais' (STEVENS, 1975, p. 952).

Sendo a mulher fértil, depois da concepção era importante que a gravidez seguisse e que a criança se desenvolvesse e nascesse saudável. A prescrição n.º 31 descreve um método para determinar se a criança que está sendo gerada irá nascer, e qual será o seu sexo:

31. Outro método: Se você continuamente vir seu rosto robusto e aquecido, mas encontrar algo que ela gosta... um menino. Mas se você vir alguma coisa sobre os olhos dela, ela nunca dará à luz (STEVENS, 1975, p. 952).

A última seção do papiro é denominada “Miscelânea” por Stevens. Nela, consta uma prescrição para prevenir dores de dentes durante a gravidez e o parto e outra para uma mulher eliminar a urina que está em um lugar que a incomoda. Na terceira página, portanto, existem prescrições com diversos fins, mas todas voltadas para a verificação da saúde sexual da mulher e de sua capacidade para gerar herdeiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Papiro Médico de Kahun* como um todo é muito bem estruturado. Primeiro, aparecem as prescrições médicas para manter a mulher saudável e garantir que ele possa conceber. A seguir, é apresentado um caso de prolapso uterino, que surge depois da gravidez devido a um deslocamento do útero. Este precisaria ser sanado para que a mulher pudesse engravidar novamente e gerar crianças saudáveis. Depois vêm os métodos contraceptivos e aqueles para verificar se a mulher é fértil, que só poderiam ser aplicados no caso da paciente estar realmente com uma boa saúde. As receitas que aparecem em seguida são para verificar, no caso da mulher estar grávida, qual será o sexo da criança e se ela nascerá saudável. Desta forma, há uma estrutura lógica na construção do texto médico, que segue os passos necessários para garantir de algum modo a continuidade da família e o seu crescimento.

A comprovação da eficácia de determinados produtos para a solução dos problemas apresentados, contudo, é difícil devido ao nosso desconhecimento com relação à tradução de termos botânicos. A existência dessas fórmulas, porém, mostra uma preocupação com a sexualidade e, sobretudo, com a saúde da mulher, que era a responsável por fazer crescer a família. A existência dos papiros médicos é um claro sinal de conhecimento dos problemas que poderiam aparecer, e da busca por soluções.

Para comprovar a eficácia das fórmulas, algumas experiências foram feitas, por exemplo, com as fezes de crocodilo. Segundo Bardis (1967, p. 3), além de seus efeitos mecânicos, esta fórmula deve ter tido algum efeito químico de valor duvidoso, pois o

excremento pode ser alcalino e reduzir a acidez da vagina, facilitando a concepção. Isto mostra porque o excremento de elefantes, que possui menor alcalinidade, parece ser mais eficiente como substância contraceptiva, já que tende a diminuir a mobilidade do esperma. Já a prescrição (n.º 22) envolvendo mel e natrão parecia ser mais eficiente. A mistura era usada para borrifar os lábios, a vagina e, provavelmente, o útero. O mel na fórmula era, sem dúvida, um tanto eficiente, pois tendia a diminuir a mobilidade dos espermatozoides.

O fundamental da análise deste documento, contudo, é que ele reflete o conhecimento superficial dos sintomas que poderiam estar relacionados a desordens internas, e mostra uma tentativa de tratar as doenças na fonte. Ele reflete, além de tudo, uma preocupação com o controle de natalidade, e uma compreensão do papel das relações sexuais na concepção. O controle de natalidade era um aspecto importante numa cidade planejada, como foi o caso de Lahun, já que seu crescimento era controlado, e ocorria apenas intramuros.

Fica claro, ainda, que os egípcios, assim como outros povos da antiguidade, acreditavam que impedir a concepção era dever apenas da mulher. Todas as prescrições apresentadas refletem esta ideia, pois nenhuma cita um método de prevenção a ser utilizado pelo homem. A responsabilidade pela manutenção e crescimento da família, então, era apenas da mulher, pois era ela quem precisava se cuidar e se manter saudável para a concepção. Era possível, contudo, fazer sexo apenas por prazer, sem pensar em reprodução, seguindo determinadas receitas, que poderiam ou não ser eficientes.

Outro aspecto que merece ser discutido é quanto ao caráter público ou privado deste documento. A princípio, tratava-se de um manual que poderia estar em posse de uma pessoa que praticasse a medicina dentro do assentamento urbano de Lahun. Poderia estar guardado, ainda, na biblioteca do templo da cidade, sendo consultado sempre que necessário por um indivíduo que conhecesse a forma de escrita do documento – a

hierática. Não é possível levantar, entretanto, o número de pessoas que tinham acesso a este papiro, e nem mesmo o quanto o uso das fórmulas era divulgado entre os habitantes.

Assumindo que a atividade sexual era praticada apenas no âmbito privado, é possível que o uso do documento e das receitas prescritas também se desse apenas neste ambiente. Não há comprovação sobre a existência de uma estrutura que pudesse ser utilizada como hospital ou como consultório médico, e o atendimento às mulheres deveria ser realizado em casa, possivelmente num ambiente reservado. Este, no caso de uma casa pequena, seria o próprio quarto de dormir, enquanto que em uma residência de nobres poderia ser um espaço dedicado especialmente às mulheres, o mesmo lugar que serviria para o parto.

A manutenção e o crescimento da família, fosse esta pertencente a qualquer um dos níveis da sociedade egípcia, se dava então em um ambiente privado, protegido dos olhos do público. O número de pessoas que faziam parte destas famílias era bastante variável, e este dado pode ser confirmado também por meio da análise dos documentos de natureza jurídica provenientes da cidade de Lahun.

DOCUMENTAÇÃO

COLLIER, Mark & QUIRKE, Stephen. *The UCL Lahun Papyri: Religious, Literary, Legal, Mathematical and Medical*. Oxford: Archaeopress, 2004.

GRIFFITH, Francis Llewellyn (ed.). *The Petrie Papyri: Hieratic papyri from Kahun and Gurob*. London: Bernard Quaritch, 1898.

STEVENS, John M. Gynaecology from ancient Egypt: the papyrus Kahun. A translation of the oldest treatise on gynaecology that has survived from the ancient world. *Medical Journal of Australia*. December 20-27, 1975; 2 (25-26): 949-952.

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, James P. *The art of medicine in ancient Egypt*. New Haven : Yale University Press, 2005.

ARAÚJO, Luís Manuel de. *Estudos sobre Erotismo no Antigo Egito*. Lisboa : Edições Colibri, 2000.

BARDIS, Panos D. Contraception in Ancient Egypt. *Indian Journal of History of Medicine*.v. 12, n. 2, p. 1-3, dec. 1967.

DAVID, A. Rosalie. Medical science and Egyptology. *In: WILKINSON, Richard H. (ed) Egyptology today*. New York: Cambridge University Press, 2008.

DAVID, A. Rosalie. *The pyramids builders of Ancient Egypt*. A modern investigation of pharaoh's work-force. London: Routledge & Kegan Paul, 1986.

FILER, Joyce. *Disease*. Austin: University of Texas Press, 1996.

GYÖRY, H. Interaction of magic and science in ancient Egyptian medicine. *In: HAWASS, Zahi. Egyptology at the dawn of the twenty-first century*. Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists, Cairo, 2000. Cairo: The American University in Cairo Press, 2003. v. 2. p. 276-283.

HARRIS, J.R. (org.). *O legado do Egito*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

LECA, Ange-Pierre. *La médecine égyptienne au temps des pharaons*. Paris: Les Éditions Roger Dacosta, 1988.

MANNICHE, Lise. *A Vida Sexual no Antigo Egito*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

PAIN, Stephanie. What killed Dr Granville's mummy? *New Scientist*, n. 2687, p. 72-73, 20 dez 2008. Disponível em: <http://www.newscientist.com/article/mg20026877.000-what-killed-dr-granvilles-mummy.html?full=true> Acesso em: 20 jan 2009.

PETRIE, W. M. Flinders. *Illahun, Kahun and Gurob*. London: Aris & Phillips Ltd., 1974.

QUIRKE, Stephen. *Lahun: a town in Egypt 1800 BC, and the history of its landscape*. London: Golden House Publications, 2005.

REEVES, Carole. *Egyptian Medicine*. Buckinghamshire: Shire, 1992.



SZPAKOWSKA, Kasia. *Daily life in ancient Egypt: recreating Lahun*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

VEIGA, Paula Alexandra da Silva. *Saúde e medicina no antigo Egípto: magia e ciência*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: 2008.